

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço *Illustração Portuguesa*—Lisboa

PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43 — LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 15 DE FEVEREIRO DE 1904

NUMERO 15



O CARNAVAL NO CHIADO IEM DOMINGO GORDO

Teve fama o antigo carnaval do Chiado, quando chegava a haver e receio de por lá se passar. Os rapazes faziam fortalezas dos andares e durante os tres dias havia uma animação enorme e levava toda a rua coberta de pó e de tremoços que fermentavam. Só em quarta-feira de cinzas se restabelecia o sossego. Agora, com os estãos e com a festa localizada na Avenida, onde se celebram

nos concursos, o carnaval do Chiado limita-se à passagem das carruagens que vão por ali a caminho do centro dos festejos, passando, sob utrens de serpentinas, na granizada elogio dos mascarados que por sua vez correspondem com serpentinas e confetti ao ataque feito dos andares.

CHRONICA

Inundações e secas

A semana foi algo melancólica e de borrasca: reinou a pseudo folia e a inundação.

E enquanto na cidade se faziam festas, os telegrammas fallavam-nos de grandes inundações. O tempo não é para preces, reina o entrudo; e a igreja acabou por solicitar com os municípios: algumas bombas d'xgoto!

Pelos campos houve inundações, alagaram-se, afogaram-se as sementeiras, as arvores ficaram com agua até meio e as planícies n'aquelles lençoes



EM TORRES VEDRAS—A ALAMEDA DA PORTA DA VARZEA

claros mostravam-se desoladas e tristonhas, como amortalhadas.

Portugal é mais do que nunca um povo de marinheiros: dentro em pouco, para sair de casa, deve-se levar com o guarda chuva e com as galochas um barco de borrasca.

Nas povoações rurais reinou a inundação, cá por casa tivemos a seca, a terrível seca d'um bando de conhecidos a encher as escadas.

—O senhor fulano, o senhor beltrano!

—O que é?! o que é?! perguntámos sobresaltados nos primeiros dias.

—Vinhámos por um bilhete para as festas na Avenida!

E veio o padreiro, veio o sapateiro, os amigos d'escola, os conhecidos que nós não conhecemos, os recebedores das associações, os amigos dos nossos amigos e até os primos dos amigos dos nossos amigos:

—V. Ex.^a poderia ceder-nos uns bilhetinhos...

D'ahi a seca, o contraste, seca terrível e furiosa a contrabalançar as inundações. Foi um nunca acabar, um verdadeiro horror!

A semana foi pois toda de contraste: á folia an-

tepoz-se a tristeza, á inundação antepoz-se a seca.

De resto, isto é perfeitamente natural: é a volubidade generica e propria dos lisboetas, que hoje clamam, amanhã choram; que hoje applaudem, amanhã condemnam; volubidade que até os elementos começam a ter em terras de Portugal!

Encheram-se as ruas de confetti, cruzaram-se nos ares os serpentinos, formou-se uma aboboda multicolor e um chão amosaicado de papelinhos variegados a incrustarem-se na lama. Parece que choveram confeitos e parece que o arco-iris se refalhou para vir formar cordas no Chiado. Foi uma inundação de productos estrangeiros, fez-se um carnaval d'importação!

Não se viu a velha do capote e lenço, toda a gente se vestiu á Luiz XV. Uma verdadeira seca de costumes esfriados alagados no Cruz e que serviram na meninice do Silva Pereira, quando havia o theatro Alegria e se representavam oratorias com pagens e com santos cujas vestes se alagam agora a cinco tostões por dia.

A graça nacional secou!

Não vimos uns cabellos em desalinho nem uma cabeça empoadá: n'uma terra de flores não vimos nenhuma, achámos por toda a parte a ordem, achámos por todos os lados as caras graves de quem assiste ao desfilár d'uma procissão!

Não houve balburdia, não houve diversões á ré-



EM TORRES VEDRAS—ASPECTO DA RUA E LARGO DE S. THIAGO

dea solta. Nos bailes morria-se de sono e cheirava a vinho, nas ruas atolavam-se os pés em lama e cheirava a enterro! Aquelle entrudo doido, folião,

arruaiceiro, que fazia estalar os pés das calças á gargalhada... secou de vez!

E' verdade que a civilização é uma coisa muito bonita applicada á vida normal dos povos, mas tambem é verdade que é uma coisa muito monotonica applicada ás festas. E' uma entalção, é uma algema!

O portuguez era de si tristonho, por indole e por causa dos impostos; agora padece de lypemania ao roubarem-lhe os tres dias do anno em que elle atirava fóra as tristezas com os cartuchos de pó. A inundação civilisadora gerou a seca do bom humor!

Agora que vamos entrar no tempo santo, deve começar a folia, para mais uma vez se marcar essa eterna verdade de que o lisboeta... anda ao contrario de todo o mundo! Em vez dos sinos vão talvez tilintar os guizos da folia n'essa época de rezas que começa á quarta feira de cinzas.



EM SANTARÉM—A INUNDAÇÃO NOS CAMPOS

Em Torres Vedras, com as successivas chuvadas, cobriu-se d'agua a praça de S. Thiago e o largo do Terreirinho. Foi fortissima a corrente do rio Sizandro, que trasbordou, alagando os campos das suas margens. Por toda a parte a mesma toalha d'agua, n'uma dissolução, e a mesma destruição nas sementeiras.

Em Santarém succedeu o mesmo, havendo enormes estragos. A agua chegou á altura de 6,52 e na corrente forte vieram moventorias, sem durida arrastadas de carros que as transportavam pelas estradas de Almeirim e d'Alpiarça que ficaram completamente inundadas.

JOÃO PAULO.



A EXPOSIÇÃO DE QUADROS TEIXEIRA BASTOS NA ACADEMIA DE BELLAS ARTES
SALA DA EXPOSIÇÃO — OS CINCO SENTIDOS

Apesar de não ser o tempo da exposição de Bellas Artes, que abre sempre em maio, quando chega o sol e os lindos dias, o sr. Teixeira Bastos conseguiu ter públicos para a exposição dos seus trabalhos, entre os quais há a destacar os quadros dos cinco sentidos. Aquelle abade que olha o horizonte, um velho rugado, bella cabeça de estado, como o cogitativo que de mãos estendidas tacha o espaço em busca de uma indicação que o guie, são figuras cheias de verdade e de colorido, resultantes de verdade.

feitas com um extremo cuidado. Mesmo a figura um todo nada grave, um todo nada comica do padre, que sorre com doleira a sua vida, tem desenho, tem vida e revela os dons d'observação d'esse artista que se recolheu durante annos, que se metteu no seu canto, para surgir de subito com uma serie de trabalhos na realidade dignos de toda a attenção.



O CORO DOS GABÕES D'AVEIRO



UM GRUPO DE ENVIADOS



A ESTATUA DA VERDADE



O TERNO DE CORNETAS



A ARTILHARIA DAS BATATAS



A MARCHA RIJA



O INICIO DO CORTEJO



A GUARDA DO SOCEGO

A MASCARADA DOS ESTUDANTES DO INSTITUTO INDUSTRIAL E COMMERCIAL DE LISBOA EM 9 DE FEVEREIRO

O PROGRAMA DA MASCARADA FOI O SEGUINTE: TERNO DE CORNETAS — GUARDA DA MARELADA — A CAMIÃO DA GAMA E DO FREIXE — A ESTATUA DA VERDADE — GUARDA INFERNAL — A INSTRUÇÃO NACIONAL E O COMMERCIO EM PEQUENA ESCALA — A NOVA CIRCUNVALAÇÃO — O NAUVEL CRISTIANO, SETELAH AOS GABÕES D'AVEIRO — CHARANGA — GUARDA DO SOCEGO — HERMETICO.

Foi uma bella festa e dos rapazes com alegria a rodos e com piadas certeiras nos acontecimentos do ritmo escolar. Era uma turba-bolta feliz, contente, radiante, organizada em cortejo e que passava o seu entusiasmo. Os tipos ratões, bem achados, a critica fina, levemente

acidulada, os ditos a proposito, os symbolos como chapas de caricaturas graciosas. Levavam aos hombros a estatuia da Verdade, com a legenda: *Sub a risonha capa d'estudante a fatal apparição de raposa*. E via-se com effeito um estudante envolto em rota capa esgarçando os braços para um amplexo á comadre do corvo, ao nautro bicho, pesadello das noites dos academicos, cujos *chambos* não o podem alcançar.

O cortejo sahiu pela rua do Instituto Industrial e deu algumas voltas no pateo, sempre no meio da mais franca

alegria, entre risadas e dichotes, aclamado pelos estudantes e pelas senhoras que enchiam as janellas do Instituto. Depois, já cansados da folia, *guardas do socego, charanga, artilharia*, etc. destroçaram no pateo interior, onde, ao som das salvas de *batatas*, começaram os discursos feitos pelos estudantes Mello, Biscaya e Leal que, pregando as tribas, lançaram a nota ultra-comica no fim da mascarada. Realisou-se tambem uma exposição de *bordados* n'uma pequena barraca, onde um estudante apresentava entre outras preciosidades as rendas... das casas!



A FESTA NO DIA 9 A BORDO DO CRUZADOR BRAZILEIRO BENJAMIM CONSTANT.

1.º A LANÇA EM MARCHA—2.º A OFFERTA DOS GUARDAS-MARINHAS BRAZILEIROS AOS ASPIRANTES DA MARINHA PORTUGUEZA—3.º O BRINDE DO COMMANDANTE DO «BENJAMIM CONSTANT», SR. ALENCASTRO GRAÇA—4.º UMA SENTINELLA D'INFANTARIA DE MARINHA—5.º UM TRECHO DO BAILE—6.º A DESCIDA

Foi uma festa encantadora, uma linda festa, a que se realizou em 9 a bordo do *Benjamin Constant*, apesar do Tejo estar agitado e apesar das nuvens de burocracia. Mas foi uma linda festa, amiga e íntima, toda repleta de grandeza e de franca jovialidade.

O sr. Alencastro Graça, que tinha a direita miss Bryan, irmã do ministro d'America, e à sua esquerda a sr.ª D. Hermantina Pontes, conselheira do Brazil, brindou em phrases energicas e quente à marinha portugueza, affirmando mais uma vez os laços solidarios existentes entre o Brazil e Portugal; e esse brinde encontrou echo nos corações dos portuguezes que assistiram ao banquete e que saudaram o sympathico e illustre marinheiro. Ao mesmo tempo que nos appetos do comandante

se realisava esta festa, os guardas-marinhas brazileiros recebiam francamente os seus collegos portuguezes. Havia um enorme enthusiasmo, estalavam as rolhas do champagne, trocavam-se muitas saudações e apesar da ira do Tejo, apesar do rio estar picado e o céu negro, dançavam animadamente na cobertura como na mais bella sala. Os guardas-marinhas brazileiros levaram a sua gentileza a ponto de deixarem como recordação aos aspirantes portuguezes um bello torpedos-chronometro, que foi entregue n'uma sessão solenne na Escola Naval. À sahida do *Benjamin Constant* os aspirantes portuguezes victoriam os officiaes brazileiros e durante muito tempo as suas vozes ressoaram sobre o Tejo suprapellido, n'uma saudação e n'uma merecida manifestação de sympathia.



OS DEUSES LARGARAM OS SANTOS PAMPANOS . . .

Durou a festança tres dias e tres noites; baralhou-se tudo no mundo, inventaram-se partidas, riuse ás escancaras, certas deusas pecaram e goraram-se assim alguns pobres semi-deuses no bosque da Hellenia, n'esse período de borrata e de orgia.

Por fim, os ídolos cahiram nos pés dos altares, acordaram o penitenciarismo, esfreram o choraram todos emporealhados pela terra, com as divinas barbas pegadas pelo mel dos ritos, com os olhos, outro'ra tão puros, raiados de vermelho, e com as guelhas secas pelos liceros capitosos, louros, venenosos e excitantes que tinham vindo de Smyrna por graça de Mercúrio. Mas depois, avidos d'uma justificação, co-

o nos dias de foliar junto ás tumbas dos Ptolomens e dos Ramsés, nas margens lousras do bento Nilo—rio doce e de mysterio—rebotava a tonteira e os grandes guerreiros andavam nos bordos e os grandes sábios beijavam as virgens, e as virgens, por sua vez, beijavam os viris escravos herenleos e lambareiros, á soalheira, n'uma bobadeira monstra do licor que Noé inventou, após o dilúvio, ao verso sem cuidados.

A Roma pagá, dos cesares e dos monumentos, das aguias altaneiras e d'ouro e dos carros triumphaes puxados por lobes de julbas esguodelhadas, instituiu a festa a Saturno—um dos deuses do bosque d'alcoendros e loureiros-rosa—e mais d'um secco sagrado recobou e vomitou dos deouridos, cujas armas d'ouro eram envergadas pela rale n'esses dias de disfarce; e mais d'uma patricia do mãos breves e olhos honestos abraçou no forum mais d'um vil truão: os Cesares andaram na rua com a malta e os deuses nos altares riram velhaca e sornamento ao verem o dobecho.

Na Gallia deixavam-se as aljavas e trepava-se ás abencodas pedras de Karnac, na Phenicia deixava-se o mar e cuspiam-se-lhe invectivas, o orbe luteiro tomava o seu disfarce e bebia á grande em hora de Saturno, e até ás estatuas niveas da Verdade n'esses dias tomavam os vestidos de barragá que usa a Mourira.

Assim se perpetuou o pagode, assim foi a origem do Carnaval, da folia omnipotente atravez os seculos!

Como todas as instituições de direito divino, ficou atroador o barbaro, rijamente escandaloso, a viver parasita, sujo e logolador, a gritar como soberano pela voz afantada d'um palhaço: *O estácio sou eu!* Elle foi durante tempo um Luís XIV reinado e transeco que clamou vestido do cheché: *Depois de mim o dilúvio... d'agua beuta!*

A folia dos deuses, a santa pagodeira, com a chalça grossa e com a pulha apimentada, fez durante tempo parte dos costumes entre nós; foi um desequilibrio total com o das actuaes finanças!

No tempo dos nosos avós, ainda elle era folião: começava no sabbado gordo no meio da barafunda. Tiravam-se as vidraças, cobriam-se os moveis, voltavam-se os espelhos para as paredes, andavam as mulheres, de braços arregaçados junto á frigideira onde fervia o azeite,

COSTUMES LISBOETAS O CARNAVAL

A sua genealogia.

O pagão Carnaval nasceu d'un capricho para turbar a paz monótona do bosque d'alcoendros e loureiros-rosa que os deuses olympicos habitavam, na velha Hellenia, no recato e no mysterio, atafalhados d'ambrosia, rectos e graves sobre soccos de marmoro azul, raro como a phenix, e que nascia nas montanhas divinas bem visludhas do con. Nasceu o Carnaval, por graça d'uma sylphide traquinosa e de corpo lupecevol, travessa e de seios rijos, eternamente virgois e eternamente roscos, nasceu em certa noite do lua cheia, porque ella, já farta de delicias e de santidade, se lembrou de atroador os borros o bosque sacro e d'acordar os deuses que dormiam nos seus pedestaes, mettida n'uma pallo d'urso guodelhada e farta que topara no passear-se, nostalgica e enervada, na praia cor d'ouro, fronteira ao mar, jamais turbado e jamais suleado pelas quilhas das barcaças phenicias, soltoiras d'outros mares menos serenos e menos azuis.

Aquella eterna vida de delicias, em que havia só a graça, em que havia só o bem, vida alimentada pelo hydromel e pelo succo das flores, aborrecia a linda sylphide d'olhos negros e negros cabellos que, n'essa noite sem precedentes em luar e em irreverencia, fez estalar do riso os peitos brancos e ancestraes das deusas e fez escabujar no rolvedo, onde floria a açucena, os divinos pespigos, até all astudos e severos, hirtos e gloriosos sobre os seus soccos de marmoro azul, preciosos como a flor da manuevilla que dá o esquecimento.

E n'essa noite de lua cheia, no mysterio do bosque, começou a folia, arranjou-se o primeiro disfarce: os deuses largaram os santos pampanos que os engrinaldavam, deixaram os gladios e deixaram a pose, arrojaram para longe o poder e arrojaram tambem as coroas de louro para se espoçarem á toida como fannos, n'uma orgia de liceros encomendados ás escondidas a Mercúrio, que os recebeu d'uns piratas de Smyrna a troco do perdão de certa falestrina grossa, isto muito recatadamente, para bem da moral e para bem da sua posição de deus olympico.

mo bons juizes e como bons camaradas, perloaram-se mutuamente e instituiram mais uma festa na sua liturgia.

Assim nasceu o Carnaval, nos tempos pagãos, em um bosque d'alcoendros e loureiros-rosa, junto ao mar sem uma prega e sem uma colera.

E, pois, bem illustre o nosso visitante d'agora: veiu da divindade e foi d'um rito, tornou-se sagrado como a colheita do arminhado linho e como as vigílias dos deuses, como a adoração a Jupiter Tonante e como a phenix que eram tambem deuses, medrou e formou-se nas clareiras sacras, onde resscidia o aléio e abelhas d'ouro formavam o mel, onde um bomlyx claro como as hostias tecia sedas macias e diaphanas e onde os ídolos viviam na panria, divinos e madraços.

Os povos seguiram as acções das divindades, imitaram-nas, bem as amaram porque bem as copiaram: no Egypto creou-se a festa ao boi Apis, um cornapeto de bom curro marcado por um crescente e por um escarvalho:



AINDA O VELHO DESEMBARGADOR NÃO SE LIMPARA . . .

a fazer sonhos de farinha e estopa para offerecerem as visitas e aos salças paucados que vinham granzinar ás portas amolando os facalhões do pan no cepo brazoado por um symbolo d'infelicidades, a d'Osiris feito boi Apis, a de Menolau feito... desgraçado!

E no domingo gordo metiam-se os cabellos em coifas fartas, as mezinhas vestiam-se de claro, andavam com as saias apanhadas, e punham-se ás portas d'atalaya á cepeira das amigas e dos rapazes e d'algum velho desembargador que vinha nos chás das quintas feiras com o seu eterno defluxo, com a sua cabelleira de rabicho e com o seu lenço de seda da India empastado de rapé da regia. Começava o ataque, o grande ataque, o qual tinha cheio nas ruas onde havia tapetes de farinha, onde choviam os ovos cheios de cinza, onde a garotada algarzarrava divertida e feroz atrás dos transeantes:

—Larga o rabo! ó exquisito! Larga o rabo!... Nas casas ainda o velho desembargador não se limpava e já estava de novo sujo: ria-se a plenos pulmões, havia a dorsem, a grita, a barafunda, erguia-se titânica e alarmante a folia, a gemina, a vorladeira, sem policia e sem embargos, ao sabor de cada um—como os dentes queriam—e as mulheres todas de claro, com os lindos cabellos enfarinhados, vermelhas e empoeiradas como moleirinhas no labor, divertiam-se e empurriam os proceitos do Santo Entrado, folgazão e pouco, tradicional e supremo dictador, emquanto a malta berrava nas praças, nas vielas, nos becos a dar gobadas, com o seu grito de guerra:

—Larga o rabo! Larga o rabo que não é teu é do filho do Judent!

Assim se perpetuava a saturnal, a festa do paganismo, nascida dos dentes no bosque sagrado, assim se divertia a Lisboa d'outros tempos que usava briches e luvas verdes, que tinha o Passeio Publico e muita moral, em todos os dias do anno, e que como cidade d'Ulysses, ainda embrenhada na tradição pagã, comia filhós de estopa, atrava ovos cheios de cinza e ia a passeio com os filhós: os rapazinhos vestidos de lanceiros e as petizilhas com saias de bulão e cabelleiras de canudos como anjos de procissão e como a senhora D. Maria II.

Vieram depois os editaes, a policia organizada, chogaram os progressos e os edis sisudos. Appareceram a dança da Bica e a *cégada*, acabou parte da folia, espartilhou-se o Entrado, beauntou-se de pó d'arroz, lavrou-se, arrebicou-se e chrismonou-se: assim surgiu o Carnaval lisboeta e o mascarado-mendigo.

A dança da Bica com os seus matulões escanifrados, envergados em *maillets*, suados, com salpicos de lama, lantejoulantes, passa pelas ruas levando uma rala bamboda, fadistona, em marcha cerrada aos rufos dos tamboras: á frente um homem de diadema e manto sobre uma pileca do Russo, axairelada com cortinas vermelhas emprostadas nos bordos.

E isto passa no rufar das caxias, va como uma borda barbara nas noites no clarão vermelho dos fumarentos archotes no roneo dos trombones; refinam os apitos e começa a dança: é uma pyra de honras tremulos no alto d'uma escadaria de corpos, as caras patibulares e avermelhadas, os bafos avinhados, tudo aquillo tonico: um d'elles, no topo, agarra uma creaneta famolica que mostra ás turbas como um palhaço. Outros jogam maças contra maças n'um estrepito secco, certeiros as paucedas, firmes as pernas, no mesmo som dos trombones e na mesma extranha feira miseravel que termina pelo peditorio em volta e que se consome em alcool, de noite, nas tabernarias das vielas onde vivem, onde se aninham. O fim... a Boa Hora... O Carnaval dos dentes a comparcor de botas arrebicadas na policia correccional...

De todos os becos, de todas as ruas, surgem as *cégadas*, apparecem matulões pintados, com barbaças estupidas, vestidos em velhas roupas, e que ronquejam copias do fado; outros estendem as mãos para a esmola diante dos barbaques. Por vezes são figuras mythologicas que cantam amantadas em pobres vestes de theatro, deuses e deusas com cabelleiras d'estopa: Marte a comer pevides, a arrastar o vozzeirão n'uma copla bregeira; Venus gordalhuda, de braços tatuados e com setos de trapos; Ceres, mondonga com um molho de chicoria em cada mão; Jupiter, vesgo, tatico, com um oscudo de lata; a atiraram moles coxas na loada dolente do fadinho corrido:

Son Marte, o deus da guerra, Z'En Venus, deusa do amor...

Tim... tim... tim...
Em roda o mesmo peditorio, a mesma fraudulagem; assim o Carnaval de ha uns annos synthetisa a miseria d'un povo que va pedir esmola a cantar o fado como aquellos italianos que outrora atrovam as ruas com os seus realejos, e como aquellas reguinhos que nas romarias dedilham a guitarra a troco d'uma vintém.

A barbara saturnal tornou-se n'uma feira de mendicidade!

E vem saudades do ovo com cinza, da filhós de estopa, do enfarinhamento, do velho Carnaval que podia ser brutal mas era tambem espontaneo e deveras feliz, bem portuguez como o bricho e como o fado, bem lisboeta como a chlorose e como Santo Antonio...

Agora faz-se um cortejo, uma especie de procissão, arrama-se a Avenida e o Carnaval apparece catalogado, com o seu programma como um governo; limpinho, escevalinho, apertadão, sem pó e sem trombones apparece com elle: *A orizão*.

Apoteclam-se batalhões, surgem cortejos, aclama-se uma rainha, uma sota de pães, servinas, com a sua mascara, a marcar o fim da rainmá á redoa solta!

São destinos: Elle nasceu dos dentes, no bosque d'aboendros e loureiros-rosa, entrou na liturgia e no calendario, sagrou-se, fez-se christão, pompoou nas côrtes, gritou, fez bulha, foi damnado e, como um rijo portuguez, baten-se no Chiado nos tempos dos Cabraes e do Marrare do Polimento. Depois veio-lhe uma doenca, uma anonia, empallideceu, poz-se a pedir, andou a rir como um bobo e a chorar como um pobre desventurado. Ainda assim era portuguez: se accediava tudo do cara alegre!...

Por fim, veio a civilização, uma lufada d'outras terras que só se segue com o Entrado—pobre d'elle—o mataram-no, instentou a um ordim, como se mata um peixe ao tiral-o d'agua e como se mata uma rosa ao mettel-a n'um seio embora o misis virginal. Entalado na orden, como os arruceiros e como os inimigos do governo! Oh! Sublime!... E vem limpinho, ajantado o carnaval que, como os velhos reis egypcios, é passeado em imagem pelas ruas, após a morte!... E lá o vemos estendido, de braços, sereno e engoiado, igual ás creanças traquinas, alegres, bon crevancas, que as mãos orfeam, ao berrarem-lhes d'olho acceso em tra e de fura bollos espetado:

—O meuino, esteja quieto! Então, heim!... Ora sentese aki a tomar proposito!...



UMA PYRA DE HOMENS.

exemplar para museu, só ficou um velho d'entrado de pança de estopa, choramingão e reles, que, n'uma lamuria, pediu no Chiado:

—O meu rico bemfeitor... meu rico bemfeitor dá dez reisinhos para um quarto de pão que morron a minha mãe!...

E assistia-lhe ao entorro, o patisco, a vêr passar a Dona Fátia; muito triste... muito triste...

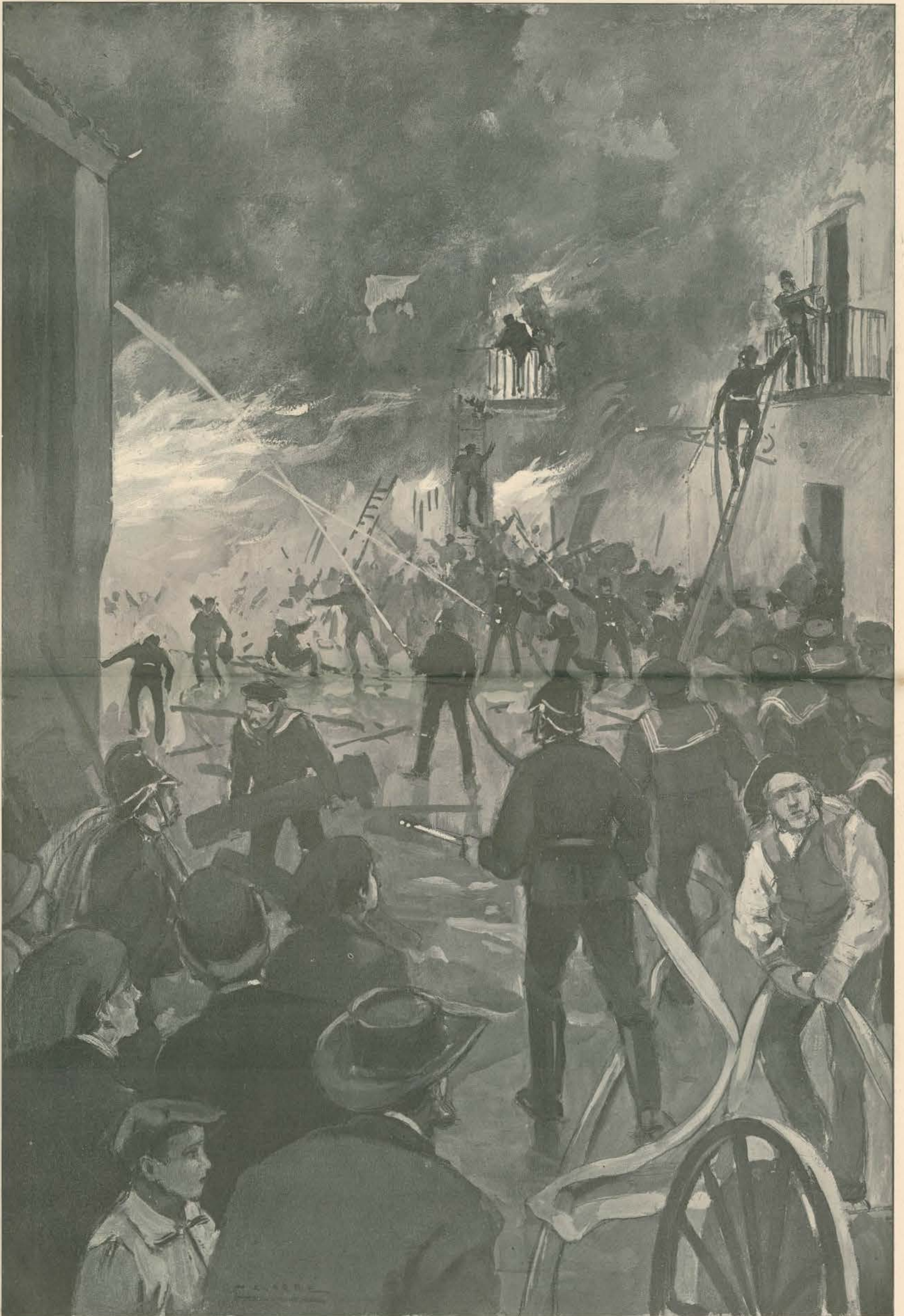
ROCHA MARTINS.



UM RAPAZINHO COM O UNIFORME DE LANCEIROS



O MEU RICO BEMFEITOR...



UM ASPECTO DO INCENDIO QUE DESTRUIU A FABRICA DE CORTIÇA DO SR. ALEXANDRE SYMINGTON EM ALMADA, NO DIA 6 DE FEVEREIRO

O incendio começou pela 1 hora da tarde e teve origem na casa das avarias, onde caíram algumas faíscas da machina. Desde logo tomou proporções alarmantes, alardeando-se labaredas monstruosas em línguas de fogo vivas, vermelhas. De Lisboa veio a enorme fumareda a subir para o espaço em volutas grossas. Os operarios da fabrica quiseram ataca apagar o incendio com baldes d'agua e fizeram pedidos de valentia. Porém, tornou-se impossivel a extincção do fogo, que dentro em pouco acambrava toda a fabrica. Começaram então a chegar os socorros, as bombas dos navios de guerra surtos no Tejo, sendo uma das primeiras a do cruzador *Benjamin Constant* com 25 marinheiros, um mestre caldereiro e um mestre caldeiroiro, sob o commando do 1.º tenente sr. Octavio Ferry, tendo por subalterno o guarda-marinha sr. Colaris. Com um detendo sem signal, cheios de arrojo e de boa vontade, entrando pelas chaminadas ao lado dos marinheiros da *Esquadra da Terceira*, do *S. Rafael* e do *Pera d'Albuquerque*, a guarnição brasileira fez maravilhas. N'um momento viu-se o tenente sr. Ferry, de marcha em punho, à frente dos seus homens, grandioso e valente no meio das chummas, a

clamar: *marinheiros, não deixemos que o fogo destrua o quartel*. E elles, os bravos, n'uma acção, n'um desejo de mostrarem o seu valor, atravessavam valentemente para o incendio, obedecendo as ordens do seu chefe com uma rapidez e um arrojo bem digno das tradições da marinha brasileira gloriosa e sempre triumphante. Mais uma vez, lado a lado, brasileiros e portugueses estiveram no périplo, mais uma vez aos e outros souberam honrar os seus uniformes.

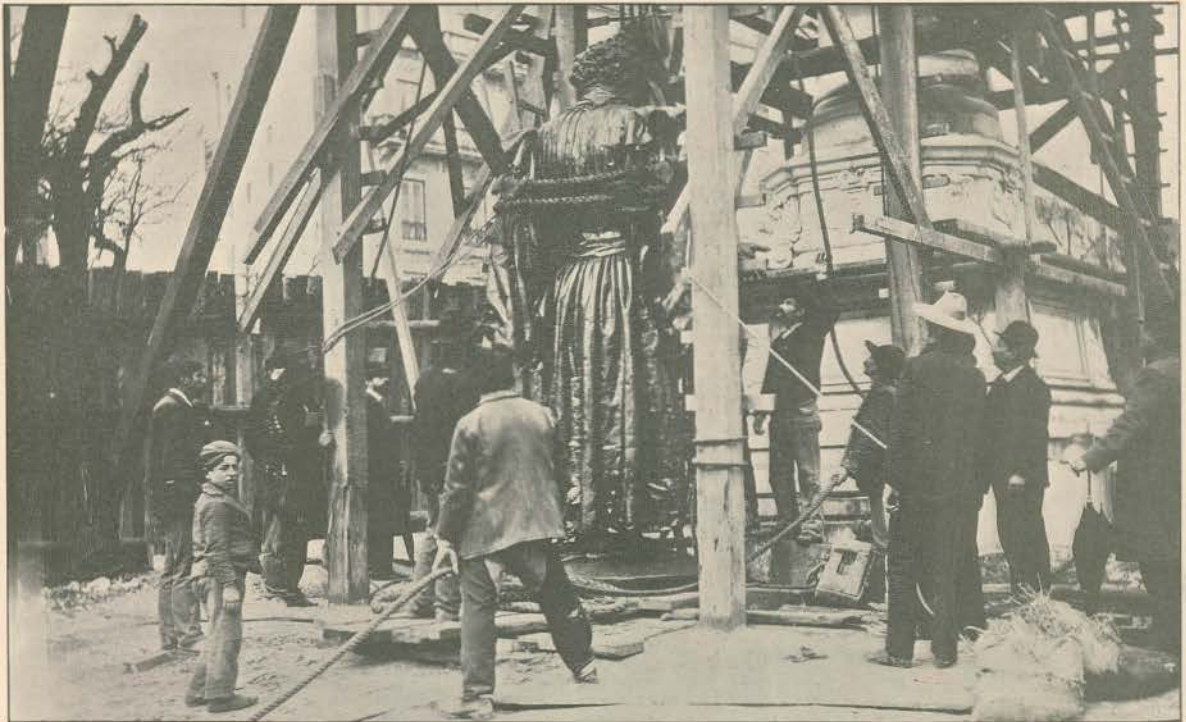
O marinheiro n.º 452 do *S. Gabriel* ficou queimado no rosto e ferido nas mãos e o 2.º sargento França do *Pera de Albuquerque* por tres vezes se meteu no incendio buscando cumprir o seu dever com brío e com honra n'uma das vezes abalou-se nos machos da cortiça que se queimavam, sentiu que elles abriam e que o queimavam até aos joelhos acudiu-lhe o sr. Carlos Montez, chefe do corpo de salvados, que com grande risco o arrancau d'aquelle brazão.



O CARNAVAL EM LISBOA: UMA PARODIA.

A paródia carnavalesca com figuras e com músicas populares é o símbolo da crítica do povo aos acontecimentos, crítica ingénua, ruidosa por vezes, sem colorido, mas quase sempre com essa graça espontânea que existe no fundo das cantidões, que parte d'esse anónimo que solta, por vezes o dito, o estribilho que, correndo de boca em boca, vai até ás altas camadas. Esse poeta escondi-

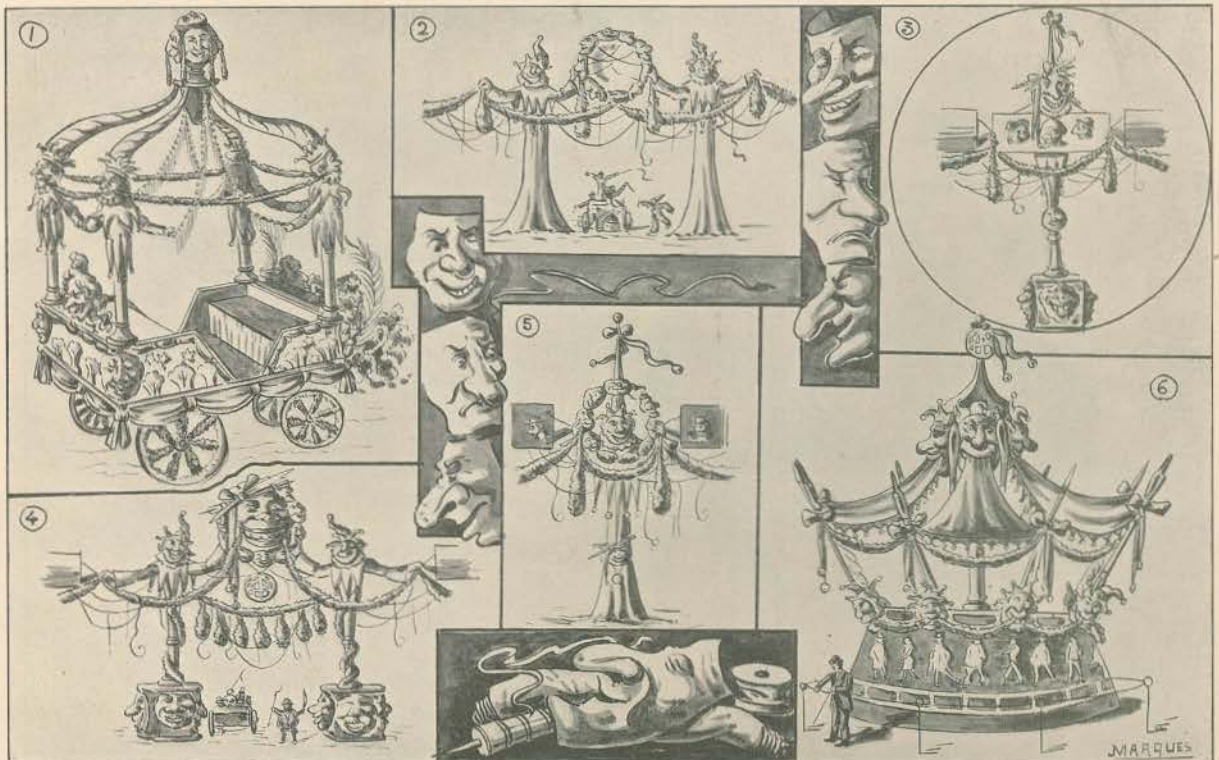
do em cada península, esse frontista que existe no povo tem campo para as suas expansões ao incarnar-se nas paródias que percorrem as ruas nos três dias do carnaval. A paródia tem o sabor d'um comentário, tem a chapa rija d'um brado vago mas interessante.



OS TRABALHOS NA ESTATUA DE SOUSA MARTINS

Na madrugada do dia 9 de fevereiro foi transportada a estatua, da Fundação do Cambões para o Campo das Marlyres da Patria, começando pelas 7 horas o trabalho da collocação sobre o pedestal em que fica a bella figura da *academia* que completa o monumento, devida ao cizal do escultor Costa Matta. A estatua foi guindada com grande rapidez para o alto da columna onde se ultimaram os

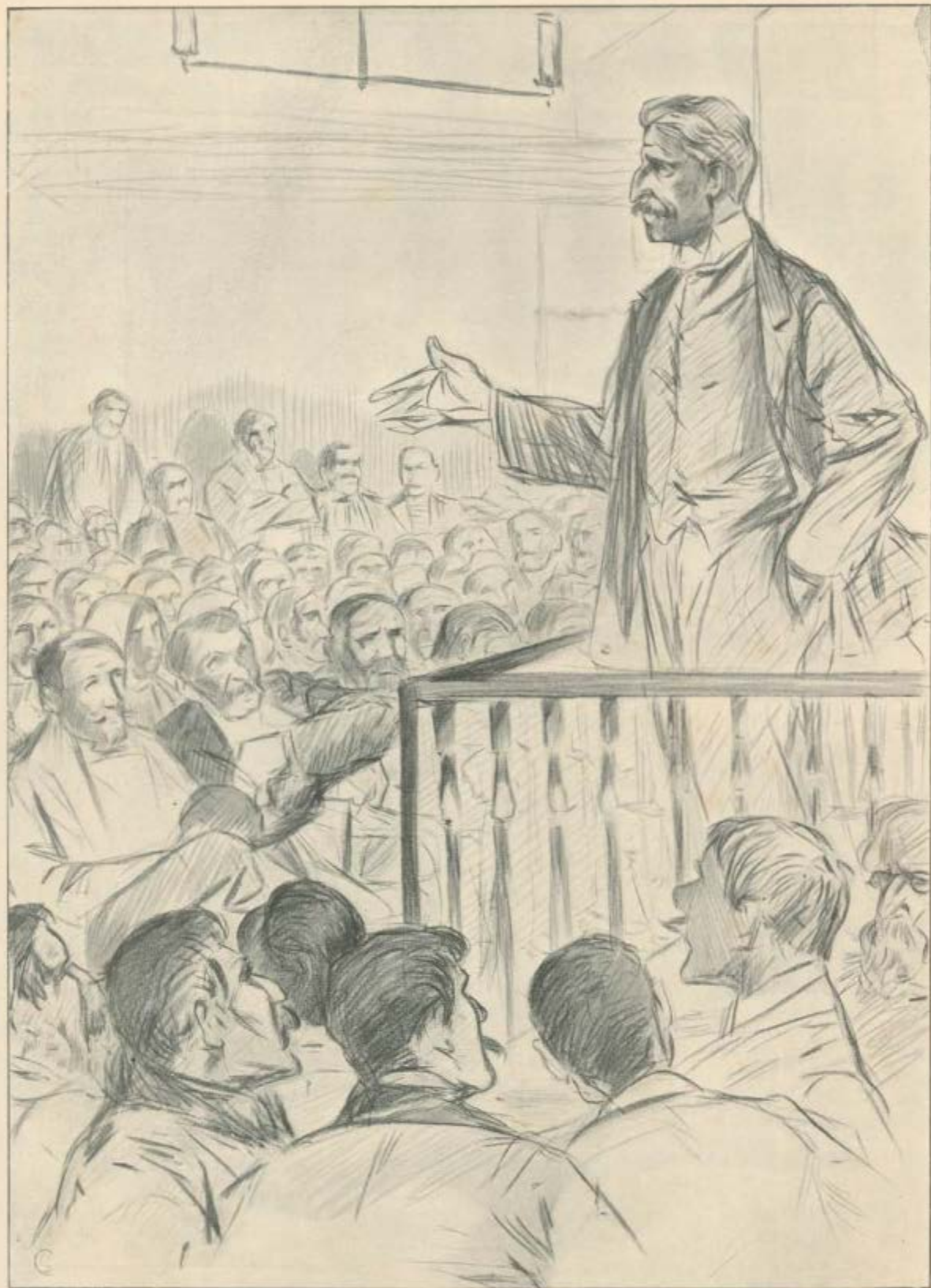
trabalhos, devendo ser exposta ao publico na noite de 6 para 7 da març, ficando assim feita justiça ao morto illustre ao qual a sciencia tanto deveu. A commissão que tem tratado da homenagem ao sandocho mestre e a que preside o nosso amigo Casimiro José de Lima, conta ter prompto a essa data o livro *In memoriam*, dedicado ao fidedigno, grande e legitimo gloria portugueza.



O CARNAVAL EM LISBOA — AS CORNAMENTAÇÕES

1.º — O carro da Folia. — 2.º — Arco central e entradas lateraes. — 3.º — Poste de luz electrica. — 4.º — Arco para a entrada do rei Carnaval. — 5.º — Outro poste de luz electrica. — 6.º — Um carro. As ornatações da Avenida foram feitas sob a direcção de Celso Hermínio e executadas pelo actor Chaves, que desenhava e construiu o carro da Folia. Abria-se um grande portico na praça dos

Restauradores todo ornado de symbolos carnavalescos, e vedou-se um portico com uma ornatação semelhante, até a altura da rua das Pretas. Foram revestidos os postes da electricidade com attributos de carnaval e com festões, e em frente da rua das Pretas abriu-se um outro portico, de indistincto effeito. A iniciativa de todos estes trabalhos pertin da Associação da Imprensa Portugueza.



A CONFERENCIA DO DR. DUARTE LEITE NA UNIVERSIDADE LIVRE DO PORTO EM 7 DE FEVEREIRO

A Universidade Livre do Porto foi instituída pelo comité académico-português, ligada de estudantes e mestres que pretendem dar maior a instrução entre as instituições. A Universidade conta com o concurso de muitos homens de actividade, illustres, jacobinos, etc. — inaugurou-se com a confer-

encia do dr. Duarte Leite, que tratou d'astronomia. Assistiram mais de 3000 pessoas a esta reunião na qual a conferencia foi recebida com todo o respeito e muito applausido.

Este quadro, o último trabalho de Collaço, é, pela grandiosidade de tom, pelo arrojado das figuras, pela viveza de colorido, bem digno do colossal assumpto que representa.

É uma obra que prima pelo conjunto e pelo detalhe, que evoca um trecho da epopeia portugueza e capaz de firmar a reputação d'um artista.

Toda aquella paisagem illuminada, todas aquellas figuras soberbas com as suas armas, com os seus ares valerosos e grandes, são evocações que bem calam nas nossas almas de portuguezos. O artista soube colorir e soube lançar os vultos, soube dar grandezza a uma figura e humildade a outra e do contraste flagrante nasce a impressão, nasce o desejo de se observar bem todo esse conjunto, como se sentissemos essas figuras, como se as vissemos assim legendarias e ao mesmo tempo humanas sob os golpes rijos dos inimigos.

Sentimo-se ali uma vida de fortes, de gigantes, de cavalleiros como elles eram com a sua nobreza e com o seu valor, com a sua honra e com o seu lema em todos os tempos augusto: Pela patria!

Pela patria elles iam a sulcar os mares tenebrosos e lançar-se em aventuras, pela patria elles iam á descoberta, á conquista, á sombra do peúvão das quinas.

Foi, pois, um rasgo épico que Jorge Collaço poz no seu quadro, dando-lhe toda a sua alma e toda a sua poderosa influencia d'artista cheio de talento e de veras consciencias.

A tomada de Socotorá foi uma d'essas aventuras que a gente portugueza levou a effecto para ali fundar uma fortaleza.

A ilha fica no Oceano Pacifico, no mar azul, sob o azul ceu, e é arida, com grandes montanhas graníticas, sem vegetação e sem riquezas, vivo além como um mollusco, solitario e no abandono, incapaz de tentar ninguém.

Em 1504, Diogo Fernandes Pereira fez a sua descoberta e trouxe ao reino a noticia d'essa nova presa para a co-



O QUADRO A «TOMADA DE SOCOTORÁ» DE JORGE COLLAÇO, DESTINADO AO MUSEU D'ARTILHARIA

roa portugueza. Fallou dos arabes que a povoavam, fallou dos desfiladeiros, das montanhas, do perigo que corria o temerario que tentasse a aventura de a conquistar.

E lá pelo anno de 1507, Tristão da Cunha, com um punhado de bravos, foi tentar o lance. Chegou, olhou os pincares, os alcantis, fundou as suas em face d'essa terra de Socotorá e então deliberou dar o desembarque e levá-lo a effecto.

No entanto já ali existia uma fortaleza arabe que o portuguez delibrou tomar. Deu-se o desembarque e o heroe atacou a praça pelo lado direito onde havia um palmar. Afonso d'Albuquerque que commandava a rectaguarda do exercito, vendo o perigo que o capitão-mór corria mettendo com os seus n'uma barcaça e foi dar um desembarque a distancia ao mesmo tempo que Tristão da Cunha se via atacado pelos naturaes.

Já Afonso d'Albuquerque se encontrava na ilha e no lado opposto aquelle onde se feria a peleja.

Elle em terra, cheio de arrojado, de brio, como um bravo que era, como um cavalleiro sem recios e sem temores, conduzindo os seus á batalha; e no meio d'essa turba multa de arabes que o assaltavam, elle, com os olhos incendiados, dominando tudo com a figura e com a voz, conseguiu tomar Socotorá.

Mas os arabes tinham-se reunido na sua fortaleza, tinham-se collocado a dentro dos muros e faziam uma guerra sem treguas aos valerosos cavalleiros que tiveram de conquistar a praça pesira por pedra com enorme arrojado.

É essa figura do heroe portuguez no momento do ataque, a que mais vive na tela de Collaço.

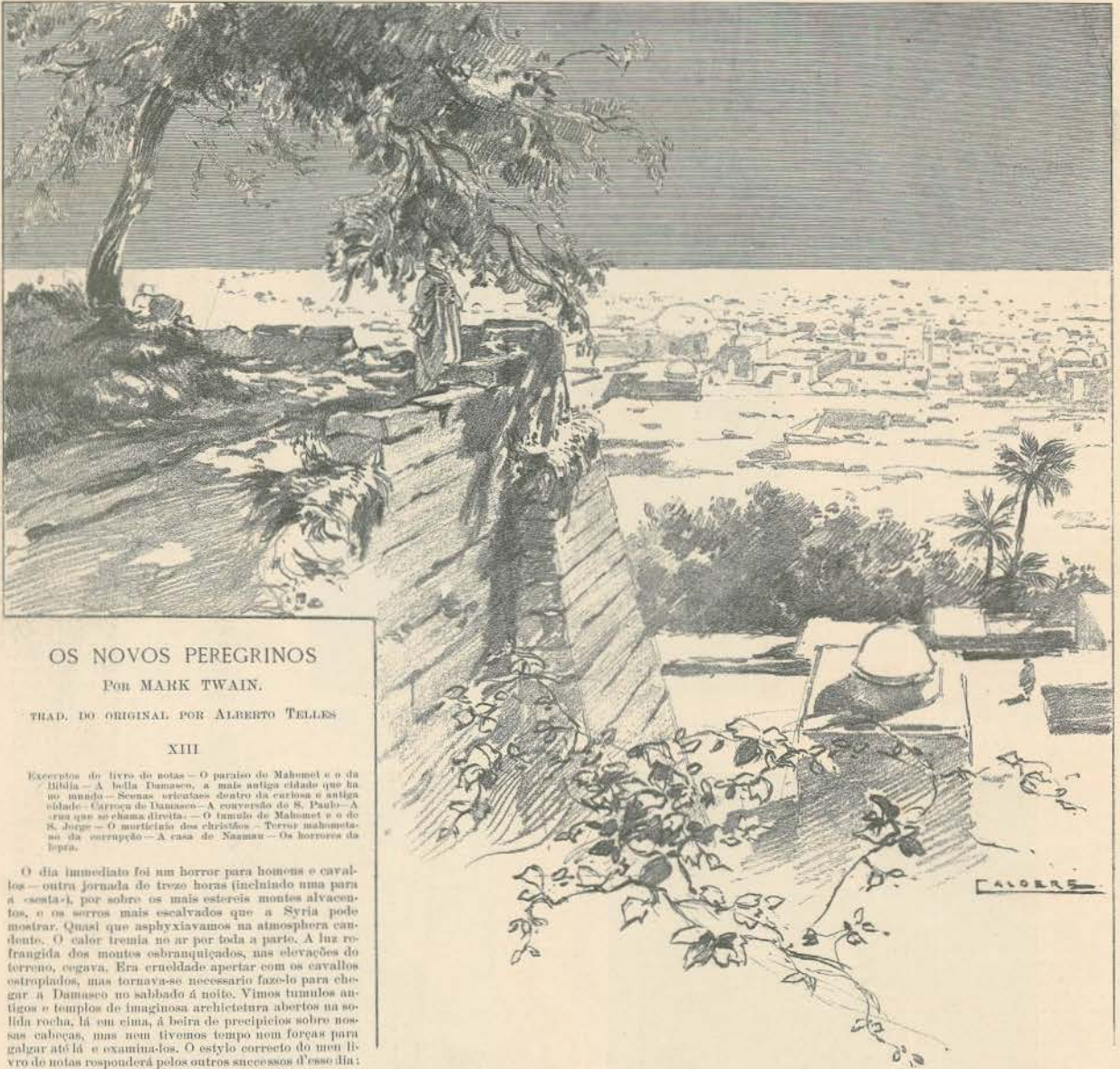
Agora, no Museu d'Artilharia, que de dia para dia mais jus tem a sua reputação, vai ser collocado esse quadro que representa um bello feito e ao qual o artista soube dar a mais grandiosa expressão, a maior viveza de tom, o mais extranho brilho, movimento e colorido.



O tenente do Benjamin Constant sr. Octavio Ferry, que tanto se distinguio por occasião do lacerado da fabrica de cortiça em Almada



O GENERAL ERNESTO CARTEL-BRANCO, DIRECTOR DO MUSEU D'ARTILHARIA. É uma das mais brilhantes figuras do nosso exercito e sr. general Castel Branco, que com uma dedicacão sem limites, tem volado pelo Museu d'Artilharia. Devido á sua persistencia e á sua boa vontade, n'elle se conservam numerosas reliquias do nosso passado, valiosos trophes das nossas victorias.



OS NOVOS PEREGRINOS

Por MARK TWAIN.

TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

XIII

Excerptos de livro de notas — O palácio de Mahomet e o da Dildia — A bella Damasco, a mais antiga cidade que ha no mundo — Scenes variadas dentro da cartosa e antiga cidade — Carruca de Damasco — A conversão de S. Paulo — A cruz que se chama direita — O túmulo de Mahomet e o de S. Jorge — O martírio dos christãos — Terror mahometano da corrupção — A casa de Naamou — Os horrores da lepra.

O dia immediato foi um horror para homens e cavallos — outra jornada de treze horas (incluido uma para a «esta»), por sobre os mais estercoz montes alvacentos, e os serros mais escaldados que a Syria pode mostrar. Quasi que asphyxiavamos na atmosphera candente. O calor tremia no ar por toda a parte. A luz roufregada dos montes esbranquiçados, nas elevações do terreno, cegava. Era enroldado apertar com os cavallos ostropiados, mas tornava-se necessario fazer-lo para chegar a Damasco no sabbado á noite. Vimos tumulos antigos e templos de magnossa architectura abortos na secca rocha, lá em cima, á beira de precipicios sobre nos sas cabeças, mas nem tivemos tempo nem forcas para galgar até lá e examina-los. O estylo correcto do meu livro de notas responderá pelos outros successos d'esse dia:

Levintámos o acampamento ás sete horas da manhã, e demos uma volta phantastica pelo valle do Zeb Dana e pelas asperas montanhas — os cavallos a coxear, e aquelle mocho arabe, que faz a maior parte da cantoria, e transporta os odros de agua, sempre mil millhas á cabeça, e, é claro, agua nenhuma para beber — nunca o levaram o dia? Uma bella corrente n'um vaeno, orlado de bastas romazocras, figueiras, oliveiras e marmelloiros, e uma hora de sesta na fonte de Figia da celebre burra de Balalo, a segunda fonte da Syria no lamambo, com agua frigidissima como a da Siberia — os guias de viajantes não dizem que a burra de Balalo ali bebosse alguma vez — talvez fosse algum que quizesse fazer figura com os peregrinos. Lá tomámos banho — João e eu. Um segundo apenas — agua gelada. É o origem principal do rio Abana — só a meia millha de distancia, onde se junta com elle. Sitio encantador, de toda tudo arvora gigantesca — com tanta sombra e frescura, se ali se pudosse estar acordado — aguas a romper um grande abundancia, mesmo por baixo da montanha, formando uma torrente. Por cima está uma ruina muito antiga sem historia conhecida — suppõe ter sido destinada ao culto da deidade da fonte ou da burra do Balalo em outrom. Um ninho miseravel de vormes humanos em fonte da fonte — traps, imundicie, faces encovadas, pallidez da doença, pustulas, ossos proeminentes, bacia, dolorosa desgraca nos seus olhos, e a fome devoradora a falar com eloquencia por todas as fibras e mus-

culos, da cabeça até os pés. Como elles se atriavam a um osso, como merdian o pão que nós lhes davamos! E ouxamocavam em torno de nos, espreitando, com olhares colicosos, cada pedaco que levavamos á boca, e singuliam inconscientemente de cada vez que nós ougullamos, como se em parte imaginassem que o precioso bocadillo ha pelas guelas abaixo. — Toca para deante a caravana! — nunca haveremos de saborear uma refeição n'esto desgracado pais. Pensar em comer tres vicos em cada dia em taes circumstancias ainda durante tres semanas — é peor castigo que andar a cavallo todo o dia ao sol. Ha n'aquelle grupo dezesses creancinhas mortas de fome, de um a seis annos de idade, e as pernas d'ellas não são mais grossas que um cabo de vassoura. Deixámos a fonte á uma hora da tarde (a fonte fez-nos desviar, pelo menos, duas horas do nosso caminho) e chegimos ao miradouro de Mahomet sobre Damasco, a tempo de a estarmos a contemplar um bom pedaco, antes que fosse necessario continuar a jornada. Cauçados? Perguntá-o aos ventos que lá muito ao longe juncavam de destruos o mar.

Quando o fulgor do dia se diluiu no crepusculo, olhamos para um quadro que goza fama em todo o mundo. Creio ter lido perto de quatorzontas vezes que, quando Mafoma era um simples cornaca, chegou á este sitio o pela vez primeira viu Damasco, fez uma certa obser-

vação famosa. Disse que o homem podia entrar n'um se paraíso, e elle preferia ir para o que além estava. Portanto, assentou-se ali e regalou os olhos com o paraíso terreal de Damasco, e foi-se depois sem lhe entrar as portas. Erigiram uma torre no monte, para marcar o logar onde elle esteve.

Damasco é bella, vista das montanhas. É bella até para os extrangeiros acostumados á vegetação luxuriante, e posso facilmente comprehender quanto ella deve ser bella aos olhos só habituados á maldita esterilidade e assolação da Syria. Estou em erer que um syrio, quando lá quadro viu, pela primeira vez, cheio de extasi, se arrebataria em furia.

D'este alto miradouro a gente vê deante de si e abaixo de si um muro formado de montanhas montanhas, sem vegetação nenhuma, que brillam fortemente ao sol e rodeiam um liso deserto de areia amarella, macia como velludo, e cortado lá muito ao longe por cinco linhas que voem a ser caminhos, salpicados de uns pontos escuros, que sabemos ser caravanas o homens que fazem jornadas; mesmo no meio do deserto avulta um tufo de verde folhagem, e escondida em seu seio está a grande cidade brancas, como uma ilha de perolas e de opalas a faizir n'um mar de esmeraldas. Tal é o quadro que vêdes desenrolarse ao longo por baixo de vós, com a distancia para o suavisar, o sol para o embellezar, fortes contrastes para lhe augmentarem os effeitos, e sobre elle

o em torno d'elle um languido ar de repouso para o espiritalisar e faz-lo parecer antes um bello pedaço dos mundos mysteriosos que visitamos em sonhos que uma coisa real d'esto nosso grosseiro e baixo mundo. E quando vos lembraes das leguas do paiz queimado e resqueimado do sol, ardente, pedregoso, horrendo, tomível e infame, por onde tendes andado a cavallo até chegar aqui, pensaes que este é o quadro mais bello de todos em que jámais se pensaram olhos humanos em todo o immenso universo! Lancamos vias ferreas pelas grandes cidades da America; na Syria encruvam as estradas para as fazer passar pelos magros poços pequenos, que elles denominam «fontes», as quaes n'uma jornada não se toparam mais de uma vez em quatro horas. Mas os «rios» Pharpar e Abana da Escripura (simples riachos) atravessam Damasco, e por isso todas as casas e todos os jardins tem suas fontes scintillantes e regatos. Com a sua floresta de folhagem e sua abundancia de agua, Damasco deve ser a maravilha das maravilhas para o beduíto dos desertos. Damasco é simplesmente um oasis — isso é o que é. Por espaço de quatro mil annos não seccaram as suas aguas nem a sua fertilidade cessou. Por onde podemos entender a razão por que a cidade tem durado tanto tempo. Não poderia acabar. Enquanto as suas aguas permanecerem além no meio d'esse bravo deserto, Damasco viverá para regalar a vista do caçado e sequioso caminhoeiro.

«Embora antiga como a historia e fresca como o sorbo da primavera, vieiosa como o teu bolão de rosa, e fragrante como a tua flor de laranjeira, ó Damasco, porrola do Oriente!»

A existencia de Damasco é anterior nos dias de Abraham; é a cidade mais antiga que ha no mundo. Fundada por Uz, neto de Noé, «a primeira historia do Damasco está envolta nas nevascas de uma enuncencia antiguidades». Pondo de parte os assumptos de que tratam os primeiros onze capitulos do Antigo Testamento, não ha successo nenhum, digno de memoria, occorrido no mundo, do qual Damasco, que já existia, não recebesse a noticia. Remontae até onde quizerdes no vago passado; lá está sempre Damasco. Nos «escriptos de todos os se-

culos durante mais de quatro mil annos, foi mencionado o seu nome e cantados os seus louvores. Para Damasco, os annos são apenas momentos, as decadas insignificantes migalhas de tempo. Ella sonhava, não por dias e mezes e annos, sim por imperios que tem visto levantar e florescer e desabar em ruínas. E' o typo da immortalidade. Vin abrir os alcercos de Balbec, de Thobas e de Epheso; vin essas aldeias, transmutadas em portentosas cidades, assombraarem o mundo com a sua grandeza — o teve vida para as ver assoladas, desamparadas e entregues aos mochos e aos morcegos. Vin o imperio israelita exaltado e vin-o desfeito.

Chegámos ás portas da cidade ao sol posto. Diz-se que qualquer pessoa pode penetrar n'uma cidade murada da Syria, depois de cair a noite, dando uma esportula, exceptuando Damasco. Mas Damasco, com os seus quatro mil annos de respeitabilidade no mundo, tem muitas usanças antigas. Não ha nas suas ruas quadriculos de illuminação, e a lei obriga todos que sahem de noite a levar lanternas, exactamente como sucedia nos tempos antigos, quando os herosos e as heroínas das *Mil e uma noites* andavam pelas ruas de Damasco, ou voavam para Bagdad sobre tapetes magicos.

Era noite fechada poucos minutos depois de termos passado o muro, e percorremos a cavallo longas distancias em ruas admiravelmente tortuosas, de oito a dez pés de largo, e fechadas de ambos os lados pelos altos muros de terra dos jardins. Finalmente, chegámos até ao sitio em que as lanternas se podiam ver luzir por uma parte e por outra, e então conhecemos estar no centro da antiga e curiosa cidade. N'uma rua estreita, em que se amontavam os nossos machos de biga-gon e por entre um exame de extranhos arabes, apedime-nos, e entramos no hotel por uma especie de lanceiro aberto na parede. Estávamos n'um grande pateo lagado, com flores e limosiras em torno de nós, tendo ao centro um immenso tanque que recebia agua de muitas bicas. Atravessámos o pateo, e entramos nos quartos preparados para receber quatro de nós. N'um amplo recesso ladrilhado de marmore entre os dois quartos havia um tanque de agua clara e fresca, que estava sempre a correr das nascentes que a forneciam por seis bicas. N'esta terra ardente e assolada nada podia haver

que parecesse mais refrigerante que esta agua pura a brilhar á luz do candleiro; nada podia parecer tão bello, nada podia soar tão delliciosamente como essa chuva simulada a ovídios de longos tempos habitados a sons d'essa natureza. Os nossos quartos eram espaçosos, confortavelmente mobilados, e tinham até o pavimento coberto por tapetes macios, de alegres cores claras. Davo gosto ver outra vez um tapete, porque se ha coisa mais triste do que as ladrilhadas salas tumulares da Europa e da Asia, não sei qual seja. Fazem-se pensar constantemente na sepultura. Um divan muito largo, garridamente adornado, de uns doze ou quatorze pés de comprimento, occupava um dos lados de cada quarto, e defronte havia camas para uma pessoa só, com colchões de molas. Grandes espelhos e mesas com tampas de marmore. Todo este luxo era tanto mais agradável a organizações e sentidos consumidos por uma jornada de um dia de grande fadiga, quanto não era esperado — porque ninguém pode dizer o que ha a esperar n'uma cidade até do um quarto de um milhão de habitantes.

Talvez que usem aquelle reservatório para de lá tirar agua para beber; isso, contudo, não me occorreu antes de n'elle mergulhar bem para o fundo a minha cabeça. Só então pensei n'isso, e, conquante o banho fosse soberbo, fiquei com pena de o ter tomado, e estava para o re dizer ao dono do hotel. Mas um cão muito bem encarcado e perfumado, que me saltou de repente, mordendo-me logo a barriga da perna; e antes de entrar tempo para pensar, havia-o precipitado ao fundo do tanque, e quando vi chegar um creado com uma bilha, retirei-me, deixando o cãozinho esfroando-se para sahir do tanque, o que elle tentava com difficuldade. A vingança satisfazia era tudo o que eu precisava para ser completamente feliz, e quando fui para a casa n'essa primeira noite em Damasco achavamos n'essa estada. Depois da esia, estivemos longo tempo deitados sobre os divans, fumando narguilles e chibouks de compridos tubos, conversando sobre a terrível jornada d'aquelle dia, e então conheci o que algumas vezes já tinha de antes experimentado — que vale a pena a gente cançar-se para depois saborear o repouso.

FOLHETIM N.º 14

(Continúa.)

